

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v35i0p138-163>

Tradução Poética e Representatividade LGBTQIA: Elizabeth Bishop por Paulo Henriques Britto

Poetic Translation and LGBTQIA Representation: Elizabeth Bishop by Paulo Henriques Britto

Alexandre Carlos da Cruz*

Resumo: este artigo tem como objetivo refletir sobre a representatividade LGBTQIA na poesia traduzida no Brasil e com isso entender qual a contribuição do(a) tradutor(a) neste processo. Para isso, escolhemos analisar as traduções feitas pelo tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto para dois poemas da poeta norte-americana Elizabeth Bishop que apresentam teor homoafetivo. Em *Banho de Xampu*, a poeta apresenta uma narrativa escrita no início de seu relacionamento amoroso com a arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares; já *É Maravilhoso Despertar Juntas* é um dos mais significativos poemas escritos por Bishop em se tratando de conteúdo explicitamente homoafetivo. Para alcançar o objetivo deste artigo, fizemos um levantamento de aspectos biográficos da poeta norte-americana para assim entender primeiro em que contexto histórico e social se insere sua obra e depois tentar compreender qual a relação da própria Elizabeth Bishop com sua condição de mulher e lésbica. Em seguida foi proposta uma análise de conteúdo apoiada tanto nos conceitos de correspondência de Paulo Henriques Britto, quanto nos estudos de Myriam Díaz-Diocaretz sobre o papel do(a) tradutor(a) ao traduzir poemas que contenham discursos poéticos lésbico e/ou feministas. Com isso, foi possível refletir sobre a tradução poética a partir de um prisma que a coloca como instrumento de desenvolvimento social dentro da sociedade.

Palavras-chave: Tradução Poética; Representatividade LGBTQIA; Elizabeth Bishop; Poesia.

* Bacharel pela Universidade Nove de Julho, curso Tradutor e Intérprete. Ator formado pela Escola de Arte Dramática-ECA-USP. Orientadora da pesquisa: Professora Ms. Lucia Maria dos Santos. E-mail: alexator2005@gmail.com.

Abstract: This article aims to reflect on the LGBTQIA representation in translated poetry in Brazil and with this to understand the contribution of the translator in this process. For this we chose to analyze the translations made by the Brazilian translator Paulo Henriques Britto for two poems by American poet Elizabeth Bishop that present homosexual content. In *The Shampoo*, the poet presents a narrative written at the beginning of her romantic relationship with Brazilian architect Lota de Macedo Soares; and *It is Marvelous to Wake up Together* is one of the most significant poems written by Bishop when it comes to explicitly homosexual content. In order to reach this article's goal, a survey of the biographical aspects of the North American poet was made in order to first understand in what historical and social context her work is situated and then to try to understand the relation of Elizabeth Bishop herself to her condition as a woman and lesbian. Next, a content analysis was proposed, based both on Paulo Henriques Britto's concept of correspondence and on Myrian Diaz-Diocaretz's studies on the role of the translator in translating poems containing lesbian and/or feminist poetic discourses. With this, it was possible to reflect on the poetic translation from a prism that places it as an instrument of social development within society.

Keywords: Poetic Translation; LGBTQIA Representation; Elizabeth Bishop; Poetry.

1. Introdução

Esta pesquisa nasceu do desejo de refletir sobre a representatividade LGBTQIA¹ na poesia traduzida no Brasil, isso porque entendemos que para uma pessoa LGBTQIA se ver representada em qualquer arte é uma forma de pertencimento que tem uma força transformadora não só em sua vida, mas na de toda sua comunidade.

Quando tudo na vida de uma pessoa parte do prisma da heteronormatividade², quando ela lê um conto, um romance, um poema e só encontra representados indivíduos heterossexuais e seus conflitos, é natural que seu próprio ponto de vista seja heteronormativo, mesmo ela não sendo heterossexual. Ser uma pessoa LGBTQIA sem referências LGBTQIA e sem representatividade faz com que dentro da sociedade heteronormativa essa pessoa reproduza um discurso onde a oprimida é ela própria. Diante destas percepções e do desejo de refletir sobre elas a partir de um prisma que englobasse a tradução poética, escolhemos neste artigo a poesia da poeta norte-americana Elizabeth Bishop como objeto de estudo.

Bishop publicou pouco mais de cem poemas em toda a sua carreira e na maioria deles procurou se esquivar da exposição direta e explícita de sua vida íntima, de sua homossexualidade, o que em geral é visto como um traço estilístico da poeta, uma escolha consciente dela, relacionada diretamente às suas referências modernistas de poesia.

¹ LGBTQIA: Segundo o site **USP Diversidade** da Universidade de São Paulo, a sigla serve para definir Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer (atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento), Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida). Disponível em: < <https://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtq-e-suas-abrangencias/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

² Segundo a Organização Mundial da Saúde (2016), a **Heteronormatividade** é a suposição de que todos são heterossexuais e que a heterossexualidade é “a norma”. Entre indivíduos e instituições, isso pode levar à invisibilidade e estigmatização de outras sexualidades e identidades de gênero. Frequentemente incluído neste conceito está um nível de normatividade de gênero e papéis de gênero, a suposição de que os indivíduos devem se identificar como homens e mulheres, e ser homens masculinos e femininos.

No entanto, em nossa presente pesquisa, encontramos alguns poemas onde Bishop experimenta uma escrita mais pessoal, mais permeada por suas paixões, o que a leva a produzir poemas onde sua sexualidade passa a fazer parte de suas narrativas; claro que sua ambiguidade a respeito do tema nunca é totalmente abandonada, mas certamente nesses casos temos uma lírica muito mais homoafetiva.

Em *The Shampoo* (1955), Bishop apresenta uma narrativa escrita no início de seu relacionamento amoroso de mais de uma década com a arquiteta brasileira Maria Carlota Costalatt de Macedo Soares (Lota). O poema foi rejeitado pela revista *The New Yorker* pelo seu teor homoafetivo (MARSHALL 2007: 111). O segundo poema é *It is Marvellous to Wake Up Together* (1992), poema não publicado por Bishop, encontrado entre seus diários e anotações, anos após sua morte. Esse talvez seja o mais significativo poema escrito pela poeta em se tratando de conteúdo explicitamente homoafetivo, o que fez inclusive com que ela nunca ousasse publicá-lo.

Diante de tais poemas, partimos em busca de compreender o contexto histórico e social em que se insere a poesia de Bishop e nesta busca encontramos duas das mais importantes biografias da poeta: Goldensohn (1992) e Marshall (2017). A partir delas, fomos capazes de supor que a escrita de Bishop foi certamente influenciada pelo modo que a sociedade da época se relacionava com a poesia escrita por mulheres, assim como pela maneira como essa mesma sociedade enxergava negativamente a homossexualidade³.

Com nossas descobertas em mente e refletindo sobre possíveis traduções para os poemas citados, surgiram inquietações que culminaram com a nossa principal indagação: qual é a contribuição do(a) tradutor(a) ao traduzir poemas com conteúdos relativos à representatividade LGBTQIA?

Em face desta questão, partiu-se do pressuposto de que o(a) tradutor(a) exerce papel fundamental em todo o processo de construção da representatividade LGBTQIA, já que é através dele(a) que leitores e leitoras da língua de chegada entrarão em contato com o discurso encontrado nos poemas.

Portanto, considerando a pertinência do tema da representatividade LGBTQIA na poesia, esta pesquisa tem como universo os estudos da tradução e

³ No capítulo “LGBTQIA e Elizabeth Bishop” deste artigo esse assunto será aprofundado.

tem como objetivo geral fazer uma reflexão sobre o papel do(a) tradutor(a) diante de discursos sensíveis à temática homoafetiva. Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, propusemos como objetivos específicos fazer um levantamento de aspectos biográficos de Elizabeth Bishop a partir de Goldensohn (1992) e Marshall (2017), seguido de uma análise de conteúdo onde foram analisados os dois poemas escolhidos de Bishop com tradução do tradutor e poeta brasileiro Paulo Henriques Britto. Essa análise foi apoiada tanto no conceito de correspondência, cunhado pelo também teórico da tradução Paulo Henriques Britto, quanto nos estudos da pesquisadora da teoria literária e teoria feminista Myriam Díaz-Diocaretz sobre o papel do tradutor ao traduzir poemas que contenham discursos poéticos lésbicos e/ou feministas.

Ao analisarmos os resultados de nossa pesquisa, concluímos que o tradutor reproduziu em suas traduções os efeitos poéticos mais importantes dos originais e com isso estabeleceu uma relação de correspondência entre originais e traduções. Além disso, constatamos que Britto conseguiu com suas soluções tradutórias evidenciar ainda mais as qualidades desses poemas como veículos de representatividade LGBTQIA.

Dessa maneira, ao final de nossa pesquisa, fomos capazes de inferir que conseguimos de alguma forma contribuir para o desenvolvimento da comunidade LGBTQIA dentro de nossa sociedade e ao mesmo tempo pudemos afirmar que o(a) tradutor(a) de poesia é um(a) agente capaz de contribuir para o desenvolvimento social em nosso país.

2. O Estado da Questão: Bishop, tradução poética e LGBTQIA na perspectiva de outros autores.

Durante nossa pesquisa encontramos alguns estudos em forma de monografias, ensaios, artigos e dissertações que nos foram de grande valia pois apresentaram de alguma maneira reflexões que em algum nível contribuem

com o tripé Representatividade LGBTQIA dentro das artes - Poesia de Elizabeth Bishop - Tradução Poética.

Propondo refletir sobre a representação social da comunidade LGBTQIA, Gomes (2017) em seu estudo sobre a série de streaming *Sense8*, da Netflix, primeiro nos apresentou a comunidade LGBTQIA e suas distinções entre orientação sexual, expressão e identidade de gênero, para em seguida postular que tal comunidade vem lutando pela sua inserção na sociedade, mesmo tendo o ódio e o preconceito como fatores retardadores deste processo. O pesquisador analisa diversos aspectos que possam de alguma forma contribuir para uma maior ou menor representatividade LGBTQIA dentro da série em questão; desde o número de personagens LGBTQIA na trama da série, até temáticas pertinentes a essa comunidade e mesmo o número de pessoas LGBTQIA envolvidas na produção da série é encarado como uma forma de inclusão. Com isso, Gomes (2017: 68) conclui que quando uma série de TV apresenta pessoas LGBTQIA na mídia, ela concede voz a outros milhões de pessoas LGBTQIA no mundo, pois a representação midiática desse grupo social faz com que essas pessoas se sintam representadas dentro da sociedade em que vivem.

Já Silva (2013), nos traz uma reflexão sobre a questão do que ele chama de *exílio queer* na obra de Elizabeth Bishop e nos indica que muitos poemas da norte-americana apresentam sujeitos enunciativos marcados por um deslocamento ou por um desejo de se deslocarem. Diante dessa hipótese, parte do pressuposto de que esse fenômeno é vivido por sujeitos e personagens com um modo/jeito-de-ser dissonante do padrão mais homogêneo em seu espaço-tempo, onde encontram dificuldade em negociar os termos de suas relações e essa mesma dificuldade os constitui como sujeitos *queer*; termo esse que em sua pesquisa não remete apenas a sujeitos não heterossexuais, mas também a indivíduos que simplesmente não correspondem a quaisquer padrões impostos nas e pelas sociedades em que vivem.

Silva (2013) se aprofunda em sua pesquisa analisando alguns poemas de Bishop na busca de encontrar estes sujeitos da enunciação que nunca se sentem pertencentes a lugar algum, que estão sempre experimentando esse não-lugar, essa inadequação, esse lugar de estrangeiro e acaba concluindo que esse fenômeno que ocorre na escrita de Bishop está, em vários pontos, conectado

com as próprias experiências pessoais da escritora, e por isso revela traços de sua própria condição de exilada de si própria.

No tocante à tradução poética, Oliveira (2014) em sua dissertação apresenta um amplo estudo e afirma que o(a) tradutor(a) enfrenta uma singular tarefa ao assumir trabalhos de tradução referentes a textos de caráter literário, em especial quando traduz poemas e a partir dessa afirmação se propõe a analisar a poética do poeta Paulo Henriques Britto e algumas das traduções que este realizou para poemas de Elizabeth Bishop. Além disso, seu estudo se propõe a refletir sobre a capacidade criativa que é exigida dos(as) tradutores(as) do gênero lírico. Para isso, realiza um levantamento de aspectos históricos e técnicos da tradução, mencionando diversos teóricos e pensadores desse ofício, dando especial ênfase a Haroldo de Campos, já que este tem fundamental papel na poética de Britto. São apresentados aspectos relativos à teoria e à prática tradutória, trabalhando com elementos interdisciplinares que aproximam os estudos já realizados sobre as Histórias da Tradução e da Literatura, além de questões político-culturais da história da tradução moderna e contemporânea.

Com isso, temos na dissertação de Oliveira (2014), um ponto significativo para nossa própria pesquisa, já que conseguimos a partir dela entender diversos aspectos da tradução de Britto e seu profundo conhecimento sobre a vida e obra de Elizabeth Bishop.

Contudo, após a leitura desses estudos científicos, percebeu-se que apesar de todos apresentarem alguns de nossos temas de pesquisa, nenhum apresentou uma abordagem que refletisse especificamente sobre a contribuição do(a) tradutor(a) ao traduzir os poemas de Elizabeth Bishop que fossem relevantes na construção de uma representatividade LGBTQIA. Não foi encontrado, por exemplo, um estudo que refletisse a questão específica da escolha de marcadores de gênero na tradução de poemas de Bishop para o português.

Diante de tais constatações, percebeu-se a pertinência desta pesquisa e o espaço encontrado para novas reflexões sobre os temas aqui discutidos.

3. Britto por Britto: o tradutor teórico

Para as discussões que dizem respeito às traduções dos poemas aqui escolhidos de Elizabeth Bishop, elegemos como molduras teóricas que permearam toda a pesquisa em primeiro lugar Paulo Henriques Britto; nos apoiando tanto em seu livro *A Tradução Literária* (2012a), quanto em seus artigos *Tradução e Criação* (1999), *Correspondência Formal e Funcional em Tradução Poética* (2006) e *A Reconstrução da Forma na Tradução de Poesia* (2010); e em segundo lugar, Díaz- Diocaretz (1985).

Britto nos empresta seu conceito de “correspondência”, que segundo ele seria diferente do conceito de “equivalência” que Pym (2017: 27) define como um conceito que “parte da ideia de que aquilo que podemos dizer em uma determinada língua, pode ter o mesmo valor (mesmo peso ou função) quando for traduzido para outra língua”.

Para Britto (2006: 57), no caso da tradução poética, falar de equivalência seria um erro pois dizer que a tradução de um poema é equivalente ao seu original é ir além de uma correspondência mais ou menos próxima entre ao menos algumas características importantes entre um poema original e sua tradução; no máximo o que se pode exigir de um poema traduzido é que ele capte algumas das características reconhecidas como importantes do poema original e que seja lido como um poema na língua-meta. Britto ainda nos lembra que o termo equivalência está muitas vezes relacionado tão somente à equivalência semântica entre um texto original e sua tradução. Em poesia não podemos estabelecer uma diferença nítida entre forma e sentido, e o que é preciso reconstruir na tradução poética é uma totalidade textual integrada por sons, significados, imagens e até mesmo a disposição visual de símbolos gráficos sobre o papel. Logo, a tradução de um poema é uma operação bem mais complexa do que a redistribuição de sentidos diversos por significantes diversos; os fatores que devem ser levados em conta são de toda ordem: formal, semântica, sintática, lexical, morfológica, fonética, prosódica, gráfica. Portanto, o que Britto quer dizer essencialmente com toda esta explanação é que tudo em um poema pode ser significativo e sendo assim cabe ao(à)

tradutor(a) entender quais elementos terão que obrigatoriamente existir em sua tradução.

Nesse sentido, Britto propõe que diante da tradução de um poema o(a) tradutor(a) deve fazer uso de um sistema de hierarquização dos elementos onde primeiro deve-se identificar as características poeticamente significativas do texto poético, depois atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema e, por último, recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas, ou seja, tentar encontrar correspondências para elas (2010: 2).

Logo, para Britto, a poesia é um texto literário que pode ser traduzido como qualquer outro, porém, para isso, temos que ser bastante cuidadosos em relação a todos os elementos do texto, pois tudo nele pode ser significativo e por isso devemos analisar caso a caso (BRITTO 2012a).

Assim, decidimos que nossa moldura teórica estaria apoiada no conceito de correspondência cunhado por Paulo Henriques Britto. Porém, ainda necessitávamos de um suporte teórico que nos possibilitasse fazer a conexão entre tradução poética e a questão da representatividade LGBTQIA, suporte este que foi encontrado nos estudos de Myriam Díaz-Diocaretz.

3.1. Myriam Díaz-Diocaretz - estudos da tradução dos discursos lésbicos/feministas.

Em *Translating Poetic Discourse: Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich* (1985), Díaz-Diocaretz propõe uma reflexão sobre o papel do(a) tradutor(a) literário(a) e infere que a função do(a) tradutor(a) é uma função que apresenta duas atividades: uma é a leitura que esse(a) tradutor(a) fará do texto fonte, de seus elementos textuais e extratextuais; a outra é a escrita do chamado texto de chegada produzida pelo(a) tradutor(a). Em um segundo momento, Díaz-Diocaretz afunila sua pesquisa propondo uma reflexão sobre a contribuição do(a) tradutor(a) ao verter o discurso poético lésbico e/ou

feminista da poeta norte-americana Adrienne Rich, escrito em inglês, para o espanhol.

Ao observar o estudo de Díaz-Diocaretz, entendemos que apesar das diferenças existentes entre as duas poetisas, Bishop e Rich, poderíamos certamente nos apoiar em sua pesquisa pois neste artigo estamos tratando também da tradução de uma poeta, lésbica, do idioma inglês para uma língua também românica, o português.

A língua inglesa, aponta Díaz-Diocaretz (1985: 90-91), permite uma maior flexibilidade para a poeta trabalhar dentro de sua ambiguidade característica e ainda assim não se trair ou encaminhar o(a) leitor(a) para um entendimento distante de sua própria poética. A pesquisadora segue explicando que já em línguas românicas temos mais forte a influência do latim, língua que no passado era quase que exclusivamente aprendida e ensinada por homens, e por isso, as línguas românicas acabavam sendo estruturadas de maneiras muito mais polarizadoras, com predominância de estruturas orientadas para o sexo masculino. Dada essa característica, o caso dos marcadores de gênero surge como a área mais vulnerável para a tradução de textos feministas e/ou lésbicos, pois ambos dependem diretamente do fato da persona poética, o destinatário ou o sujeito representado, serem invariavelmente definidos como pertencentes a um dos dois gêneros, feminino ou masculino. Sendo assim, Díaz-Diocaretz nos alerta que é de suma importância na tradução o uso preciso dos dêiticos de pessoas e o correspondente de gênero adequado para que poéticas como as de Rich ou Bishop, consideradas do ponto de vista da literatura tradicional de algum modo subversivas, não sejam reestabelecidas na língua de chegada dentro de paradigmas patriarcais, o que faria com que as propriedades emancipatórias desses textos fossem contrariadas ou neutralizadas, de propósito ou inadvertidamente, por tradutores que não tivessem conhecimento ou não compactuassem com as estratégias textuais das autoras.

Desse modo, fica claro que o(a) tradutor(a), ao fazer sua leitura de poemas de poetisas como essas, dependerá fortemente de seus próprios pressupostos culturais e ideológicos e de suas habilidades como leitor(a) para identificar as características específicas de tais construções poéticas.

Pelo exposto, Díaz-Diocaretz (1985: 44) nos apontou que ao traduzir

poéticas abertamente feministas ou aquelas que apresentam teor homoafetivo, devemos estar focados em seus discursos e ideologias, pois assim se faz possível não só entender suas particularidades, mas sobretudo respeitá-las, e com isso possibilitar que esses discursos e ideologias adquiram uma forma correspondente no texto de chegada.

4. Métodos e Análises

Diante do objeto de investigação deste artigo, a pesquisa encaminhou-se para um estudo qualitativo. No que tange a pesquisa qualitativa, Minayo (2002: 21-22) assevera que essa abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por essa razão, elaboramos uma proposta metodológica que remete ao objetivo almejado, que é o de fazer primeiro um levantamento de aspectos biográficos da obra e vida de Elizabeth Bishop, através do qual chegamos às duas principais biografias disponíveis da autora: Goldensohn (1992) e Marshall (2017), por meio das quais entramos em contato com o contexto histórico e social em que se insere a obra de Elizabeth Bishop e sua relação com a questão da representatividade LGBTQIA. Em um segundo momento, analisamos as traduções de Paulo Henriques Britto para os poemas *The Shampoo* (1955) e *It is Marvellous to Wake Up Together* de Bishop (1992), também com o foco principal voltado para a questão da representatividade LGBTQIA.

Utilizou-se aqui o procedimento de análise de conteúdo que Minayo (2002: 74) descreve como aquele onde se destacam duas funções; uma que se refere à verificação de hipóteses e/ou questões, ou seja, através da análise de conteúdo podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses); e a outra função seria a que diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa.

Por fim, após a apresentação e reflexão a respeito dos resultados de nossa pesquisa, concluímos nosso artigo com nossas considerações finais e assim entendemos que através de nossa metodologia foi possível alcançar nosso objetivo principal de refletir sobre a questão da representatividade LGBTQIA encontrada nos poemas de Elizabeth Bishop e nas traduções destes poemas feitas por Paulo Henriques Britto.

4.1 LGBTQIA e Elizabeth Bishop

O surgimento das lutas pelos direitos humanos daqueles(as) que sofrem discriminação em razão de sua orientação sexual ou por sua identidade de gênero veio sobretudo questionar a tradicional divisão dos gêneros e o próprio patriarcado. Abriu-se então a possibilidade de se questionar a ordem heterossexista, que apoiada em sua condição de dominante, não valida a diversidade sexual e refuta a possibilidade de uma representatividade desses grupos sociais. O mestre em ciências sociais pela PUC-SP Julian Rodrigues nos lembra que os movimentos em prol aos direitos LGBTQIA, que tem como paradigma inicial a resistência de Stonewall⁴, surgem com toda força logo após o levante dos movimentos feministas, que com a publicação da obra *O Segundo Sexo* (1949) da filósofa francesa Simone de Beauvoir, conseguem organizar ideias-chaves do movimento e assim fortalecem as lutas feministas trazendo as pautas da questão da igualdade real entre homens e mulheres para dentro da agenda pública, conclamando transformações sociais profundas e influenciando definitivamente os movimentos sociais e principalmente refutando a ordem machista vigente (VENTURI; BOKANY 2011: 26-27).

Citamos esta relação direta entre os dois movimentos, feminista e LGBTQIA, obviamente porque estamos falando aqui da obra de uma mulher, lésbica, que poderia até não ter a intenção de ser uma poeta ativista de nenhuma dessas duas causas, mas inegavelmente tem em sua obra elementos que estão diretamente ligados à sua condição como mulher e lésbica.

⁴ Stonewall, conhecido bar gay em Nova York, onde, em 28 de junho de 1969, houve diversos conflitos entre a polícia e seus frequentadores. A partir daí essa data passou a ser considerada um marco na resistência gay em todo mundo, dando origem às Paradas do Orgulho Gay por todo mundo.

Elizabeth Bishop, nascida em 1911, em Worcester, Massachusetts, agraciada com os prêmios *Pulitzer* e *National Book Award*, respectivamente em 1956 e 1969, faz parte da primeira geração de poetas de língua inglesa para quem as conquistas do modernismo eram incontestáveis, para quem figuras como T.S. Eliot, Ezra Pound e em especial Marianne Moore, grande influenciadora de sua poesia, eram mestres cuja obra era preciso estudar, emular e, no momento certo, abandonar (BRITTO 2012: 15). Sua poesia, os pouco mais de cem poemas publicados e mais alguns encontrados após sua morte, apresenta uma gama de alegorias e abstrações, sempre buscando representar suas sensações, percepções do mundo ao redor, suas próprias emoções e experiências de forma quase sempre indireta. Esta capacidade de tornar universal, arquetípico seu mundo poético é certamente uma de suas virtudes. Entretanto, partindo de um ponto de vista crítico social, podemos também observar que Elizabeth Bishop vive dentro de uma sociedade onde a mulher está subordinada a normas estabelecidas pelos homens e isso ocorre inclusive dentro do meio literário da época.

Goldensohn (1992: 63) relata que uma das queixas recorrentes de Bishop era exatamente a de ser considerada uma das grandes poetas, “entre as mulheres poetas”, não simplesmente uma grande poeta. Segundo a biógrafa, Bishop dizia que de forma geral em sua trajetória como escritora, ela sempre recebia boas críticas por seus trabalhos, mas também acabava sempre ouvindo que sua poesia era a melhor poesia feita por uma mulher, da década, do ano, do mês, etc. Até seu grande amigo e admirador, o poeta norte-americano Robert Lowell, ao elogiar seus poemas *Roosters* e *The Fish*, disse certa vez: “Os melhores poemas deste século escritos por uma mulher” (GOLDENSOHN 1992: 63, tradução nossa)⁵. Já sobre a orientação sexual de Bishop, Britto assevera que a descoberta de sua homossexualidade quando ainda era apenas uma adolescente contribuiu para que Bishop se sentisse como uma pessoa dividida e precariamente instalada no mundo. (BRITTO 2012: 13).

Diante de tais angústias como mulher e lésbica é bem possível que a escolha de Bishop em ser discreta, ou melhor dizendo, sua tentativa de ocultar

⁵ Tradução do original: “The best poems that I know of written by a woman in this century.” (GOLDENSOHN 1992: 63).

majoritariamente sua condição de mulher lésbica, possa ser uma resposta ao medo de viver dentro de uma sociedade regida pela heteronormatividade. Marshall (2017: 106), nos lembra que Bishop, ao deixar os EUA para viver com Lota no Brasil, estava deixando um país onde o amor entre pessoas do mesmo sexo era mais do que nunca um tabu, onde o *Primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria*, recém-lançado em 1952, classificava a homossexualidade como um "distúrbio de personalidade sociopata".

Ressalta-se que especificamente os poemas apresentados neste artigo datam de um período anterior à chamada revolução sexual, portanto são produtos de uma época onde todas as questões de representatividade feminina e LGBTQIA ainda eram bastante remotas. Assim, em caráter hipotético, poderíamos nos perguntar se a mesma Elizabeth Bishop, se vivesse em outros tempos, em outro tipo de sociedade, teria essa excessiva preocupação em ser "discreta" quanto a um aspecto tão importante em sua vida: sua própria sexualidade. O ponto a que queremos chegar aqui é que talvez, e isso é também uma hipótese, a relação de Elizabeth Bishop com a sua própria sexualidade e, conseqüentemente, com sua maneira de escrever, tenha sido marcada por essa dificuldade de se sentir legítima como mulher, poeta e lésbica. Díaz-Diocaretz (1985), nos aponta que a mulher é parte de um grupo subordinado dentro da sociedade patriarcal e diante disso, dentro dessa sociedade, goza de um status inferior ao homem, membro do grupo dominante, por isso seu uso da língua também é mais restrito já que as palavras e as normas desta língua foram formuladas por este grupo dominante e isso se aplica ao discurso poético de uma mulher também. Desse modo, o estigma de ser mulher altera a maneira desta poeta se expressar, já que ela terá sobre si uma expectativa dessa sociedade patriarcal.

Neste sentido, Marshall nos traz um importante relato sobre a relação de Elizabeth Bishop com Adrienne Rich, poeta de uma geração posterior à de Bishop, politicamente comprometida, e que diferente de Bishop, não distinguia as esferas pública e privada e afirmava que toda arte é, de alguma forma, política. Rich após ter se casado com um homem e ter tido três filhos, se separou, se assumiu lésbica e passou a se colocar inteiramente como ativista

das causas feminista e lésbica, se tornando uma das maiores referências poéticas desses movimentos. Segundo Marshall, Rich certa vez pressionou Elizabeth Bishop a contribuir para uma antologia dedicada às poetisas americanas, mas Bishop, que a princípio não gostava de ser vista como um modelo feminino, se negou a participar. Porém, em particular, Bishop expressou a Rich uma vontade de seguir seu caminho, de escrever mais abertamente sobre a condição da mulher (MARSHALL 2017: 249).

Marshall afirma que Rich dizia que as poetisas das gerações anteriores à sua como Marianne Moore e a própria Bishop, tinham escritas voltadas a agradar a sociedade patriarcal e por isso suas relações sexuais eram mantidas a uma distância medida de suas obras. Para Rich, essas mulheres carregavam dentro de si medos internalizados que as impediam de dizer o que queriam e ser quem realmente eram. Marshall conclui tal passagem relatando que Bishop, em carta para Rich, admite que ela estava certa, que infelizmente sentia esses medos em sua vida e que sua reação, diferente da Rich, que era de raiva e de clamor por mudanças, era de não admitir que aquilo estava acontecendo (MARSHALL 2017: 249).

Levando em consideração tais relatos poderíamos hipoteticamente inferir que Elizabeth Bishop era, ela própria, produto dessa estrutura social dominante e opressora e, portanto, seu discurso era milimetricamente pensado para de certa forma ser “aceita” por este grupo dominante. Goldensohn (1992: 63), relata que a resistência de Bishop em se expor mais em sua poesia deveria certamente derivar da sua posição desprivilegiada como mulher e lésbica, tanto que já nos últimos anos de sua vida, já na década de 1970, Bishop se permitia a se colocar mais como feminista; em uma de suas últimas entrevistas, por exemplo, declarou que se tivesse nascido homem teria provavelmente escrito mais, ousado mais. Já Marshall, a esse respeito, nos conta que Bishop às vezes dizia que desejava ser mais como outros escritores que ela conhecia; estes bebiam o tempo todo, mais do que ela, e não tinham nenhum arrependimento ou vergonha disso, simplesmente escreviam poemas sobre isso. Mas, nas palavras de Bishop, “estes eram todos homens”. (2017: 249).

4.2. Poemas, traduções e LGBTQIA

É importante salientar que nesta pesquisa analisamos os poemas a partir do prisma de nosso objetivo de enxergá-los como veículos de representatividade LGBTQIA. Apesar disso, no primeiro caso, em *The Shampoo*, nos propusemos a analisar também, segundo critérios próprios, alguns poucos elementos formais do poema para que dessa forma também pudéssemos evidenciar a qualidade da tradução de Paulo Henriques Britto apontando algumas de suas soluções na busca pela correspondência entre o original e sua versão em português.

4.2.1. *The Shampoo* (1955)

Quando se pensa nas características principais de Elizabeth Bishop e sua poesia, podemos pensar em adjetivos como discreta, tímida, impessoal; porém, em *The Shampoo* (1955), temos uma Bishop mais exposta, fazendo referência direta a sua relação de amor com a arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares. Marshall (2017) relata que Bishop e Macedo Soares tomavam banho de bacia e durante o banho Bishop se oferecia para lavar os cabelos da amada e essa ação se tornou um ritual entre as duas. Assim, *The Shampoo*, um dos poemas de Bishop escrito em primeira pessoa, é uma homenagem a esse ritual íntimo e apresenta uma Bishop mais corajosa, falando desse amor entre duas mulheres de forma tão mais explícita que acabou por ser inicialmente rejeitado pela revista *The New Yorker*. O poema foi escrito por Bishop logo que passou a morar com Lota em Samambaia - RJ em 1951, mas só foi publicado dentro de uma coletânea, em 1955, no seu segundo livro, *Poems*, que reunia o já editado *North & South* e os poemas novos, inclusive este, de *A Cold Spring*.

Bishop utiliza nesse poema todos os recursos possíveis para criar um enredo que coloca em primeiro plano questões filosóficas sobre a vida, a morte, o cosmo, a terra e, no meio de tudo isso, o amor entre duas mulheres, a ternura expressa numa banho de xampu, em um lavar os cabelos da amada na intimidade de seu quarto, de seu microcosmo. Temos aqui dois mundos que coexistem, o mundo remoto, das coisas naturais, expresso através de uma

narrativa quase científica da relação entre os líquens e os halos da lua e por outro lado, o mundo íntimo dos seres humanos e sua relação com o tempo, com a finitude e a angústia de amar alguém mortal. Bishop aos poucos, no desenrolar das três estrofes, vai fundindo esses dois mundos, de maneira que em dado momento passa a enxergar a amada como o próprio universo: *nos teus cabelos negros brilham estrelas cadentes, arredias*. Além disso, as preocupações com o envelhecer, com a iminente perda do ser amado, nos dão uma pista da intensidade do sentimento contido numa relação que transcende e alcança o espaço com sua força. Parece que a poeta quer dizer que para quem ama não existem limites de espaço e tempo, o importante é viver o presente da maneira mais intensa possível e jamais se preocupar com o fim das coisas, que chegará, sem que precisemos nos preocupar antecipadamente com isso.

The Shampoo

O Banho de Xampu

1A	The still explosions on the <i>rocks</i> ,	Os líquens — silenciosas <i>explosões</i>
2B	the lichens, <i>grow</i>	nas pedras — crescem e <i>engordam</i> ,
3A	by spreading, gray, concentric <i>shocks</i> .	Concêntricas, cinzentas <i>concussões</i> .
4C	They have <i>arranged</i>	Têm um encontro <i>marcado</i>
5B	to meet the rings around the moon, <i>although</i>	com os halos ao redor da lua, <i>embora</i>
6C	within our memories they have not <i>changed</i> .	Até o momento nada tenha se <i>alterado</i> .
1	And since the heavens will attend	E como o céu há de nos dar guarida
2	as long on us,	enquanto isso não der,
3	you've been, dear friend ,	ocê há de convir, amiga ,
4	precipitate and pragmatial;	que se precipitou;
5	and look what happens. For Time is	e eis no que dá. Porque o Tempo é,
6	nothing if not amenable.	Mais que tudo, contemporizador.
1	The shooting stars in your black hair	No teu cabelo negro brilham estrelas
2	in bright formation	cadentes, arredias.
3	are flocking where,	Para onde irão elas
4	so straight, so soon?	Tão cedo, resolutas?
5	— Come, let me wash it in this big tin basin,	— Vem, deixa eu lavá-lo, aqui nesta bacia
6	battered and shiny like the moon.	Amassada e brilhante como a lua.

Comparando o original de Bishop com a tradução de Britto, percebemos que o tradutor decidiu preservar da mesma maneira os elementos poéticos mais significativos na construção do poema. No original temos três estrofes de seis versos cada, o que é repetido sistematicamente na tradução. O esquema de

rimas – o elemento poético mais regular – também foi recriado na tradução como um todo. Vemos, por exemplo, na primeira estrofe, um esquema de rimas *A, B, A, C, B, C*, em itálico nas duas versões acima. Como a métrica não é rigorosa no original, esse elemento é mantido da mesma forma na tradução.

Semanticamente, ainda na primeira estrofe, continua-se a narrar o crescimento dos líquens entre as pedras e depois seu encontro marcado com os halos da lua. Uma perda semântica significativa se dá no sexto verso da estrofe: onde no original encontra-se *within our memories they have not changed*, na tradução vê-se apenas “até o momento nada tenha se alterado”; dessa maneira perde-se a noção da percepção humana do fato, ou da percepção da persona poética do poema, ficando apenas o tom descritivo da ação, talvez essa tenha sido uma escolha visando a priorizar os aspectos sonoros do verso, mais valorizados aqui por Britto já que Bishop sempre foi profundamente criteriosa a esse respeito em sua poesia. Destaca-se ainda a proposta de Britto para os três primeiros versos da estrofe, onde o tradutor promove uma intersecção entre duas sentenças através do uso de travessões não encontrados no original, um jogo que confere a sua tradução uma autonomização sem se afastar significativamente do original.

Na segunda estrofe o tradutor tem que tomar uma importante decisão no terceiro verso, que está no centro da discussão de nossa pesquisa: a definição do marcador de gênero, (acima destacada em negrito). Britto, diante da indeterminação de gênero de *dear friend*, decide usar na língua portuguesa o substantivo “amiga”, determinando o gênero, o que nos indica que ele entende o contexto em que esse poema foi escrito, conhece a vida e obra da poeta e por isso compreende que dessa maneira estará estabelecendo uma correspondência muito maior com o original.

O resultado dessas escolhas do tradutor para o(a) leitor(a) da língua de chegada é que fica claro que temos uma interlocutora no poema, uma amada, e como o eu lírico está em primeira pessoa entende-se que é a própria poeta falando, e assim fica explícito que temos aqui uma cena entre duas mulheres. Portanto, pode-se afirmar que a correspondência semântica que preserva o poema como veículo de representatividade LGBTQIA foi não só preservada, mas evidenciada pelo tradutor quando definiu os marcadores de gênero. São essas

escolhas que fazem das traduções de Britto tão relevantes quando analisadas a partir de um ponto de vista que visa encontrar e valorizar esse espaço de representatividade. Podemos supor por exemplo, que outro(a) tradutor(a) talvez movido por crenças e ideologias contrárias à legitimação de relações homoafetivas, ou mesmo por pura falta de conhecimento a respeito da obra e da própria autora, poderia simplesmente ignorar todos os elementos extratextuais em que o poema original se insere e diante dessa indeterminação de gênero comum na língua inglesa, escolher o gênero masculino e assim encaminhar o leitor do poema traduzido para um entendimento do poema sem qualquer possibilidade de identificação LGBTQIA.

4.2.2. *It is Marvellous to Wake Up Together (1992)*⁶

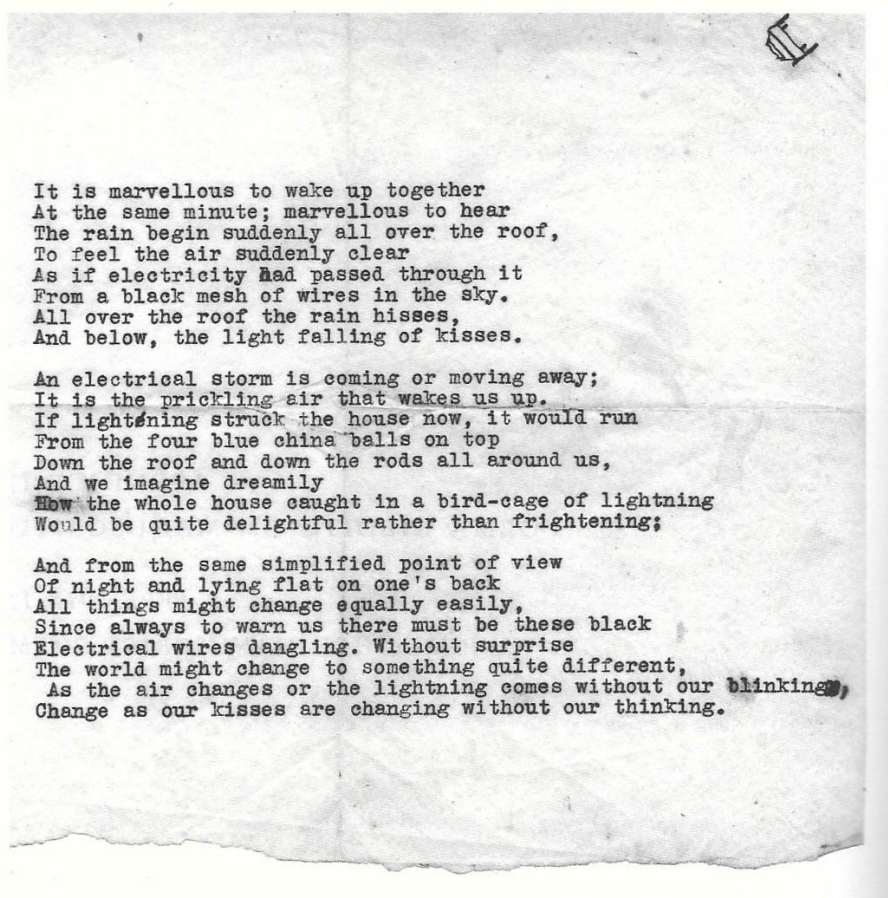


Figura 1: Extraído de Britto (2012: 396)

⁶ A primeira publicação deste poema de Elizabeth Bishop foi feita exatamente por Lorrie Goldensohn em seu *The Biography of a Poetry*, 1992.

It is Marvellous to Wake Up Together, é um poema escrito provavelmente no começo dos anos 1940 e nunca publicado por Elizabeth Bishop. Goldensohn (1992: 27) afirma que o poema foi entregue a ela no começo da década de 1990 em Belo Horizonte. Ele estava em uma caixa, junto de outros escritos, anotações, diários de Bishop e tudo indicava que até então nunca havia sido lido por ninguém além da própria Bishop e que pelas características do manuscrito se tratava de um poema finalizado (figura 1).

Britto (2012: 11) infere que esse poema não foi publicado por Bishop, não porque ela o considerava inacabado ou inferior, mas sim por ele abordar a sexualidade de modo muito mais direto do que é costumeiro na obra da poeta, por isso ao analisar a tradução deste poema decidiu-se por deixar de lado a análise de outros elementos do poema (análise já feita no poema anterior) e apenas focar na questão da determinação de gênero pois desta forma evidencia-se esse aspecto tão importante para a questão da representatividade LGBTQIA.

It is marvellous to wake up together

É maravilhoso despertar juntas

1	It is marvellous to wake up together	É maravilhoso despertar juntas
2	At the same minute; marvellous to hear	No mesmo minuto; maravilhoso ouvir
3	The rain begin suddenly all over the roof,	A chuva começando de repente crepitar no telhado,
4	To feel the air suddenly clear	Sentir o ar limpo de repente
5	As if electricity had passed through it	Como se percorrido pela eletricidade
6	From a black mesh of wires in the sky.	Numa rede negra de fios no céu.
7	All over the roof the rain hisses,	No telhado, a chuva cai, tamborilando,
8	And bellow, the light falling of kisses.	E cá embaixo, caem beijos brandos.
1	An electrical storm is coming or moving away;	Uma tempestade está chegando ou indo embora;
2	It is the prickling air that wakes us up.	É o ar carregado que nos desperta.
3	If lightning struck the house now, it would run	Se um raio caísse na casa agora, desceria
4	From the four blue china balls on top	Das quatro bolas azuis de porcelana lá no alto,
5	Down the roof and down the rods all around us,	Se espalhando pelo telhado e os para-raios a nossa volta,
6	And we imagine dreamily	E imaginamos, sonhadoras ,
7	How the whole house caught in a bird-cage of lightning	Que a casa inteira, uma gaiola de energia elétrica,
8	Would be quite delightful rather than frightening;	Seria muito agradável, e nada tétrica.
1	And from the same simplified point of view	E do mesmo ponto de vista simplificado
2	Of night and lying flat on one's back	Da noite, e de estar deitadas ,
3	All things might change equally easily,	Todas as coisas poderiam mudar com igual facilidade,

4	Since Always to warn us there must be these black	Pois por esses fios elétricos negros
5	Electrical wires dangling. Without surprise	Seríamos sempre alertadas. Sem surpresa,
6	The world might change to something quite different,	O mundo poderia virar algo muito diferente.
7	As the air changes or the lightning comes without our blinking,	Tal como o ar muda ou o relâmpago cai sem piscarmos,
8	Change as our kisses are changing without our thinking.	Como estão mudando nossos beijos sem pensarmos.

Já no primeiro verso, aquele que se convencionou como o nome do poema, percebe-se que Bishop utiliza o adjetivo sem determinação de gênero *together* e assim tanto o gênero do eu lírico, quanto o de seu(a) interlocutor(a) estão indeterminados. Na tradução para o português Britto poderia ter escolhido utilizar adjetivos e/ou participípios que não tivessem marcas de gênero, como “alegre”, “feliz” ou até mesmo opções como “ao mesmo tempo”, “em sincronia”, mas essas não foram suas opções: o tradutor optou pelo adjetivo “juntas” e dessa maneira estabeleceu com clareza para o(a) leitor(a) do poema traduzido que a interlocutora do poema é uma mulher e quanto ao eu lírico, como é um poema escrito em primeira pessoa, assim como em *The Shampoo*, sabe-se que a tendência do(a) leitor(a) é imaginar a própria autora falando e dessa forma fica bastante evidente, também neste poema, que se trata de uma relação entre duas mulheres.

O que se vê ao analisar o poema como um todo é que Britto segue mantendo coerentemente esta mesma linha de tradução; vemos isto no sexto verso da segunda estrofe onde é escolhido o adjetivo no plural “sonhadoras” como opção para o advérbio *dreamily*, depois no segundo verso da terceira estrofe temos “*e de estar deitadas*”, para and *lying flat on one’s back* e do mesmo modo, “Seríamos sempre alertadas”, no quinto verso do poema traduzido, é a escolha de Britto para *Always to warn us*, encontrado no quarto verso do poema original.

Dessa maneira podemos inferir que o poema em português adquire um discurso homoafetivo explícito não encontrado textualmente no poema original. No original, dada a indefinição de gênero desses marcadores, existe a possibilidade de um(a) leitor(a), que não tenha conhecimentos extratextuais a

respeito do poema e de sua autora, fazer uma leitura totalmente desprovida desse discurso, já na tradução essa leitura é totalmente impossibilitada.

Também aqui nesta tradução podemos afirmar mais uma vez que Britto conseguiu privilegiar aqueles que seriam os elementos mais importantes do poema; seus elementos semânticos estão preservados, sua métrica está quase que toda invariavelmente mantida e sobretudo o elemento de nossa análise principal aqui, os marcadores de gênero, foram traduzidos mais uma vez de maneira a respeitar as particularidades do poema e de sua autora e assim, parafraseando Diaz-Diocaretz (1985: 44), foi possível que o discurso contido no poema adquirisse uma forma pertinente no texto de chegada.

4.3 Análise dos Resultados

Quando analisamos os resultados apresentados em nossa pesquisa, a partir do prisma de nossa fundamentação teórica – que está baseada no conceito cunhado por Paulo Henriques Britto de correspondência – chegamos à constatação de que foi estabelecida uma relação de correspondência entre as traduções e seus originais, já que foi possível encontrar nas traduções características reconhecidas como importantes dos poemas originais. Além disso, analisando essas traduções levando em consideração as reflexões sobre a contribuição do tradutor(a) ao verter discursos poéticos lésbicos e/ou feministas apresentadas por Díaz-Diocaretz (1985), fomos capazes de inferir que Britto não só respeitou o discurso contido nos originais, mas mais do que isso, com suas soluções tradutórias evidenciou as qualidades destes poemas como veículos de representatividade LGBTQIA; veículos até mais explícitos na língua de chegada do que na própria língua de partida. Assim, compreendemos também que as escolhas de Britto em suas traduções nos mostram que como tradutores temos que fazer escolhas importantes, escolhas que como vimos nestes casos podem muitas vezes revelar ao nosso público elementos não explicitamente revelados no original e ao revelar esses elementos, em um primeiro momento nos afastamos do original para logo em seguida nos aproximarmos ainda mais da essência da autora e seus poemas. Britto, em seu

artigo *Tradução e Criação* (1999: 11), chama atenção para esse procedimento tradutório, e o explica dizendo que na tradução “cada movimento de autonomização é imediatamente submetido a novo confronto com a primeira fonte – o original – sendo não raro seguido de um movimento corretivo de aproximação”.

Portanto, constatou-se que em suas traduções Britto se propôs a entender os impulsos poéticos, a história pessoal da poeta, o contexto social e cultural em que sua obra se insere e principalmente o quão importante é dar passagem para o discurso encontrado na poética de Elizabeth Bishop, conseguindo assim mostrar que a tradução poética é perfeitamente capaz de ser na língua de chegada uma obra potente e com isso, parafraseando Laranjeira (1993: 146), esses poemas podem certamente ser considerados na língua-cultura de chegada, tão válidos quanto qualquer outro texto produzido nessa mesma língua-cultura.

5. Considerações Finais: Sociedade, Poesia e Representação LGBTQIA

Quando relacionamos a tradução de poesia e todos os aspectos implícitos nesse ato com questões relativas ao discurso produzido por grupos de minorias sociais, neste caso a comunidade LGBTQIA, estamos objetivando, a partir de um trabalho de conscientização do(a) tradutor(a), fazê-lo(a) ele(a) próprio(a) entender a sua importância como veículo desses discursos. Assim, qualquer obra com esses discursos e características deve ser traduzida de modo a alcançar o público alvo, fazendo com que este leitor ou leitora consiga se identificar de alguma maneira com o seu conteúdo. Isso porque para um indivíduo LGBTQIA, se ver representado em qualquer arte é uma forma de pertencimento que tem uma força transformadora não só em sua vida, mas na de toda sua comunidade. Desse modo, entendemos necessário desenvolver um artigo que tivesse como tema principal a representatividade LGBTQIA dentro das artes, sendo essa uma forma de colocar o assunto em discussão na contemporaneidade e com isso, talvez, vislumbrar caminhos que tragam mudanças positivas neste quadro. No caso do presente artigo a arte em foco, o objeto de estudo, foi a poesia,

especificamente a poesia traduzida. Refletir sobre esta questão tendo como objeto de estudo a poesia e o par tradução/tradutor(a) de poesia se fez pertinente pois tivemos assim a oportunidade de criar um espaço de reflexão que poderá beneficiar diretamente o desenvolvimento dos direitos humanos LGBTQIA dentro da sociedade em que vivemos, da mesma forma que pudemos refletir sobre o papel do(a) tradutor(a) na tradução literária.

Perante o exposto, concluiu-se que com este estudo foi possível de algum modo refletir e talvez contribuir para o reconhecimento e desenvolvimento da tradução poética em nosso país, ajudando assim a colocá-la em um lugar de relevância fundamental na construção de uma sociedade mais democrática com espaços para todos seus diferentes indivíduos. Além disso e não menos importante, também foi possível perceber e valorizar este espaço oferecido por nossa sociedade contemporânea; em nosso tempo é dado ao tradutor essa possibilidade de ser um agente de transformação e sabemos que esta conquista de forma alguma está assegurada, por isso deve ser protegida a todo custo, em qualquer circunstância política, cultural e social.

Referências

- BISHOP, E.; BRITTO, P. H. *Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BRITTO, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRITTO, P. H. *Tradução e Criação*. Cadernos de Tradução (UFSC) IV, 1999. Disponível em: <<http://www.lettras.puc-rio.br/br/docente/17/paulo-henriques-britto>>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- BRITTO, P. H. *A Reconstrução da Forma na Tradução de Poesia*. Cadernos de Letras (UFRJ), 2010. Disponível em: <<http://www.lettras.puc-rio.br/br/docente/17/paulo-henriques-britto>>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- BRITTO, P. H. *Correspondência Formal e Funcional em Tradução Poética*. Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução. 1ed. Vitória: PPGL/MEL / Flor&Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.lettras.puc-rio.br/br/docente/17/paulo-henriques-britto>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- DÍAZ-DIOCARETZ, M. *Translating Poetic Discourse: Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *FAQ on Health and Sexual Diversity - An Introduction to Key Concepts*. Geneva: World Health Organization; Disponível em: <<https://www.who.int/gender-equity-rights/news/20170329-health-and-sexual-diversity-faq.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- GOLDENSOHN, L. *Elizabeth Bishop: the biography of a poet*. New York: Columbia University Press, 1992.
- GOMES, M. *Um Estudo de Caso Sobre Representatividade LGBTQ+ em Sense8*. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/000035/0000350e.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- LARANJEIRA, M. *Poética da Tradução*. São Paulo: Edusp, 1993.
- MARSHALL, M. *Elizabeth Bishop - A Miracle for Breakfast*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2017.
- MINAYO, M. C. de L. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, F. C. R. *Poéticas da Tradução e Identidades: Paulo Henriques Britto tradutor de Elizabeth Bishop*. Disponível em: <http://w2.files.scire.net.br/atrio/unigranrio-ppglch_upl//THESIS/26/dissertacao_poeticas_da_traduo_e_identidade_paulo_henriques_britto_tradutor_de_elizabeth_bishop.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PYM, A. *Explorando Teorias da Tradução*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, T. B. *O Não-Lugar em Elizabeth Bishop: marcas do exílio queer em um EU vacante*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434460537.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

VENTURI, G.; BOKANY, V. *Diversidade e Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

Recebido em: 18/03/2020

Aceito em: 27/05/2020

Publicado em junho de 2020